

## VILÉM FLUSSER Breve relato de um encontro em Platão.

A "atualidade" dos diálogos platônicos é fato conhecido por todos que têm o hábito de folhá-los. São "lúcidos, válidos e inseridos no contexto". E são tão "pra frente" que tornam problemática a localização da frente na situação que nos cerca. Mas a surpresa da pertinência platônica aos problemas atuais se renova toda vez que descobrimos nova prova. O propósito destas breves considerações é relatar uma tal descoberta no Fedro.

Sócrates acaba de contar a Fedro, (entre os números 274 e 275 do texto), uma história egípcia sobre a descoberta da escrita. De passagem seja dito que a história, lida atualmente, trata do feed-back entre homem e instrumento, da auto-alienação do homem nos produtos da tecnologia, do problema da memória em computadores, da teoria da comunicação, e do problema do ensino audio-visual, (entre outras coisas). Sócrates chega a conclusões parcialmente concordantes com as conclusões de Marshall McLuhan, mas muito mais penetrantes. A isto Fedro responde. "Fedro: Tens um jeito, Sócrates, de inventar com facilidade histórias egípcias, ou de não importa que outra terra. Sócrates: Havia uma tradição no templo de Dodona que as primeiras profecias foram articuladas por carvalhos. Os primitivos, tão diferentes no seu subdesenvolvimento mental do academismo atual, eram de opinião que o que importa é ouvir a verdade, venha ela de onde quizer, e que seja de carvalhos ou rochas. Tu, no entanto, pareces interessado, não na verdade de uma proposição, mas na fonte da qual surgiu e no contexto no qual se deu."

O texto dispensa comentários na sua simplicidade cristalina. Fedro critica Sócrates por sua irresponsabilidade intelectual em não manter fidelidade a fontes e em cometer inautenticidades históricas. Sócrates responde irônicamente, mostrando que o interesse por explicações diacrônicas, (historicistas), encobre o fenômeno a ser explicado. Assim, o brevíssimo diálogo citado levanta o problema atualmente denominado "historicismo versus estruturalismo", ou "diacronia versus sincronia". Mas vale a pena refletir um pouco sobre a posição diacrônica assumida por Fedro, e a posição sincrônica assumida por Sócrates, já que estas não coincidem exatamente com as posições assumidas por pensadores na atual contenda. Podem assim lançar uma luz reveladora sôbre essa temática nossa.

Fedro procura pôr em dúvida a história socrática relativa à escrita, porque esta o incomoda. Sócrates sustentava na sua história que a invenção da escrita resulta, não em maior sabedoria humana por fixação dos conhecimentos acumulados em memória permanente, mas em superficialidade pseudo-erudita dos literados. Fedro se reconhece como tal letrado, e não quer assumir-se. Procura a seguinte saída: Ou a história é invenção de Sócrates, e neste caso pode ser descartada como mero argumento subjetivo e malicioso, característico de Sócrates e explicável psicologicamente. Ou a história se fundamenta sobre fontes autênticas, por exemplo textos egípcios ou uma tradição oral da mitologia. Neste caso é preciso, para julgá-la, ir às fontes. Aí verificaremos, muito provavelmente, que Sócrates cometeu erros de interpretação

**VILÉM FLUSSER**  
 que desvirtuam o sentido original da mensagem. Uma vez constatado esse sentido, devemos tentar estabelecer o contexto social, econômico, político, cultural e outros, nos quais a mensagem se deu. Verificaremos o motivo e a finalidade da mensagem, e teremos alcançado uma compreensão dinâmica e em profundidade. E só depois poderemos, eventualmente, discutir essa mensagem enquanto impacto sobre nós, sem cometer o pecado da irresponsabilidade intelectual e da leviandade.

Sócrates põe a nós, na sua resposta, a atitude de Fedro como tentativa de relegar a discussão do mérito da questão às calendas gregas. Mostra, com efeito, que explicações históricas têm a virtude de desviarem a atenção do assunto, de serem um "explaining away", uma desconversa. Que assumem ares de preciosismo acadêmico para evitar o confronto existencial com o fenômeno a ser considerado. Afirma que o fenômeno, (no caso: a história contada por Sócrates), está aqui agora, e que não importa, *prima facie*, de onde veio. Que é preciso ater-se a ele, e não fazer com que se desfaça gradualmente na análise historicista.

Mas a resposta que Sócrates dá a Fedro é muito mais profunda que isto. A autenticidade de uma mensagem, a sua "verdade", diz ele, não pode ser encontrada na análise do percurso histórico da mensagem, mas na sua origem. E esse origem se dá, não na história, mas fora dela. Se a história sobre a escrita contada por Sócrates é ou não é verdadeira, não depende da sua localização histórica, mas se está ou não de acordo com uma realidade que se dá fora do tempo. Se foi "inspirada", ou se é resultado de um "delírio", (estes são os termos empregados por Sócrates em outro lugar no mesmo diálogo "Fedro"). Não importa, portanto, se Sócrates inventou a sua história ou se se referiu a fontes. O que importa é se Sócrates, (ou as fontes), eram inspirados. E isto posso verificar apenas se me atenho ao fato.

Sócrates admite que ater-se ao fato é difícil. É difícil, porque os fatos estão encobertos pelas explicações historicistas que nos cercam. É preciso reduzir essas explicações e tentar voltar para a ingenuidade original dos antigos. Os antigos são nossos modelos, e estão guardados como tais em tradições como a do templo de Dodona. É preciso, portanto, recuar para a história, mas não, afim de reconstruí-la, senão para reduzi-la. E será por essa redução que conseguiremos recaptar a "verdade", encoberta pelo progresso das explicações historicistas.

Admito, de bom grado, que nesta reflexão musserlisei Platão, talvez demasiadamente. E que cometi todos os erros contra os quais Fedro alerta. A maior infidelidade que cometi é provavelmente esta: Platão tinha talvez restos de fé nos carvalhos de Dodona, (embora fale em "carvalhos e rochas" em tom depreciativo), e a nossa fé em carvalhos é diminuta. Estamos, aliado nós, mais afastados dos carvalhos que Sócrates e Fedro. Mas esta é uma consideração historicista. Não importa. Não importa se inventei meu

VILÉM FLUSSER

"Pedro" ou se relatei um "Pedro" socrático, platônico, ou um "Pedro" de outro contexto. Importa, e isto sim, se o que eu digo, (ou o que Sócrates, ou Platão, ou Husserl dizem), é ou não é verdade. É neste sentido que a leitura dos diálogos provoca sempre novos enfoques sobre a nossa situação e os nossos problemas. E é neste sentido que não se pode falar em "História da Filosofia" como processo evolutivo.